

EXPERIÊNCIAS
MAIS ENVOLVENTES

COMO TRANSFORMAR O INTERESSE DOS ALUNOS POR GAMES EM APRENDIZADO

➡➡ [Leia na página 8](#)

O custo invisível de não ouvir os colaboradores

Em um mercado cada vez mais pressionado por mudanças rápidas, transformação digital e necessidade constante de inovação, é curioso perceber que muitas empresas ainda desperdiçam um dos seus recursos mais valiosos: a inteligência coletiva de suas próprias equipes. E os números mostram que esse desperdício tem um custo real.

A 3ª edição da pesquisa Engaja S/A, realizada pela Flash em parceria com a FGV EAESP, mostra que apenas 39% dos profissionais brasileiros se dizem engajados, o pior resultado da série histórica, com queda de cinco pontos percentuais em relação a 2024. O levantamento calculou, pela primeira vez, o impacto econômico desse fenômeno: a combinação de rotatividade e presenteísmo gera perdas estimadas em R\$ 77 bilhões por ano, o equivalente a 0,66% do PIB nacional.

Parte significativa desse problema tem raiz na cultura organizacional. Segundo dados do Relatório Global da Fearless Organization sobre segurança psicológica nas empresas brasileiras, divulgado em 2025, aproximadamente 40% a 45% dos colaboradores brasileiros relatam medo de consequências negativas ao expressar opiniões ou levantar problemas, e apontam a cultura hierárquica e a baixa confiança na liderança como barreiras centrais. Esse contexto cria o que especialistas chamam de "silêncio organizacional": profissionais que preferem não se expor, evitam sugerir melhorias e entregam apenas o mínimo necessário. A inovação exige justamente o contrário.

Criar ambientes favoráveis à inovação não significa eliminar processos ou abrir mão da governança. Significa construir



Paulo Humaitá

“A tecnologia tem ampliado as possibilidades de colaboração, mas a verdadeira transformação continua sendo cultural. Não basta adotar plataformas digitais ou ferramentas de IA se a empresa não está disposta a ouvir quem faz parte do seu dia a dia.

mecanismos que incentivem a participação e permitam que diferentes vozes façam parte das discussões estratégicas. O papel dos gestores, nesse contexto, deixa de ser apenas o de direcionar e passa a incluir a criação de condições para que as pessoas desenvolvam seu potencial.

A experiência recente da Construtora Tenda ilustra bem esse potencial. Em um programa de intraempreendedorismo desenvolvido para transformar desafios

operacionais em soluções de negócio, colaboradores de diferentes áreas foram incentivados a propor e testar projetos com aplicação prática. Uma das iniciativas criadas a partir da percepção de um profissional da linha de frente reduziu o tempo médio de um processo de compras de cinco dias para um dia e apresentou potencial de gerar economia anual de R\$ 1,2 milhão. Mais do que o resultado financeiro, o caso demonstra como a escuta ativa e o protagonismo dos colaboradores podem se converter em inovação com impacto direto para o negócio.

A tecnologia tem ampliado as possibilidades de colaboração, mas a verdadeira transformação continua sendo cultural. O estudo global IBM CEO Study, realizado pela IBM com 3 mil CEOs de 30 países e 26 setores da economia, revelou que 64% deles acreditam que o sucesso com inteligência artificial dependerá mais da adoção pelas pessoas do que da tecnologia em si. Não basta adotar plataformas digitais ou ferramentas de IA se a empresa não está disposta a ouvir quem faz parte do seu dia a dia.

O Brasil possui profissionais altamente qualificados, criativos e resilientes. O desafio das empresas não é apenas atrair talentos, mas criar condições para que eles contribuam efetivamente com seu conhecimento, experiência e visão de mundo. Em um cenário de transformações constantes, organizações que conseguem transformar a participação dos colaboradores em inovação concreta não se restringem a aumentar o engajamento, pois também constroem o engajamento, mas constroem uma vantagem competitiva difícil de ser replicada. A inteligência coletiva não deve ser vista apenas como um conceito inspirador; em um contexto de mudanças aceleradas, ela pode se tornar um dos principais diferenciais estratégicos para os negócios que desejam construir resultados consistentes no longo prazo.

(Fonte: Paulo Humaitá Fundador e CEO da Bluefields).

O que realmente faz as pessoas permanecerem em uma empresa?

O mundo do trabalho vive uma transformação sem precedentes. A inteligência artificial está redefinindo funções, novas profissões surgem em ritmo acelerado e os modelos híbridos mudaram a forma como as pessoas se relacionam com suas carreiras. Trocar de empresa, de área ou até de profissão tornou-se parte da trajetória de muitos profissionais.

Para informações sobre o

MERCADO
FINANCEIRO

faça a leitura do
QR Code com seu celular



O fim do tráfego grátis exige uma nova estratégia digital

Durante mais de duas décadas, boa parte das estratégias digitais foi construída sobre uma premissa simples.

A incorporação do modelo conversacional no e-commerce e seus impactos na conversão

A incorporação de inteligência artificial e canais conversacionais ao e-commerce vem sendo frequentemente tratada como uma evolução da experiência digital, associada à melhoria de atendimento e à ampliação de pontos de contato com o consumidor.

A Copa tentou esconder a Levi's. Acabou reforçando sua marca.

A organização de grandes eventos esportivos internacionais não se resume à logística de partidas, ingressos ou transmissões. Por trás do espetáculo existe uma sofisticada arquitetura contratual voltada a proteger um dos ativos mais valiosos dessas competições: a exclusividade comercial dos patrocinadores oficiais.

Negócios em Pauta

AI/23º Fórum SAE BRASIL da Mobilidade



23º Fórum SAE BRASIL da Mobilidade

A indústria da mobilidade discute sua capacidade competitiva em Curitiba nos dias 5 e 6 de agosto. No Centro de Eventos da FIEP, o 23º Fórum SAE BRASIL da Mobilidade (Seção PR/SC) traz para a capital paranaense executivos, economistas e engenheiros que vão avaliar o fôlego da cadeia produtiva nacional para acompanhar a reconfiguração global do setor e quais caminhos ela deve trilhar para garantir protagonismo nesse mercado. Com o tema "Tecnologia, Competitividade e Sustentabilidade", o encontro parte da hipótese de que a próxima rodada de ganhos de eficiência e mercado não será apenas tecnológica, mas também estratégica: quem dominar inteligência artificial aplicada ao veículo, modelos de eletrificação eficientes e arranjos industriais sustentáveis terá vantagem competitiva clara. Entre os painéis estarão tópicos centrais para investidores e formuladores de políticas: eletrificação, conectividade veicular, descarbonização, novos combustíveis e a formação de mão de obra qualificada (<https://saebrasil.org.br/eventos/23o-forum-sae-brasil-da-mobilidade-secao-pr-sc-2026/>).

➡➡ [Leia a coluna completa na página 3](#)

News@TI

Divulgação IT Forum



Latam Wire + Steel e Welding Show criam plataforma para a indústria metalmeccânica

A integração entre diferentes elos da indústria tem se tornando cada vez mais importante para empresas que buscam eficiência, inovação e novos negócios. É nesse contexto que a Latam Wire + Steel e a Welding Show anunciam a realização conjunta de suas edições de 2026. As duas feiras acontecerão simultaneamente entre os dias 10 e 12 de agosto, no Pavilhão Amarelo do Expo Center Norte, em São Paulo, reunindo empresas, tecnologias, especialistas e profissionais de toda a cadeia metalmeccânica em um mesmo ambiente de negócios. Com a realização conjunta, Latam Wire + Steel e Welding Show passam a oferecer uma visão mais abrangente da indústria metalmeccânica, conectando matérias-primas, processos de transformação, tecnologias de corte, soldagem, automação e aplicações industriais em uma única plataforma (wiresteel.com.br).

➡➡ [Leia a coluna completa na página 2](#)

Literatura

Livros em Revista

Por Ralph Peter



➡➡ [Leia na página 4](#)



OPINIÃO

A IA responde, mas ainda precisamos questionar

Ricardo Solda (*)

Quando foi a última vez que você pesquisou algum tema de verdade?

Não apenas digitou uma pergunta e aceitou a primeira resposta que apareceu na tela, mas buscou diferentes fontes, comparou opiniões, verificou informações e construiu sua própria conclusão. Durante décadas, esse foi o processo natural de quem procurava conhecimento na internet. Hoje, porém, estamos assistindo a uma mudança silenciosa, porém acelerada, nesse comportamento.

A ascensão da inteligência artificial generativa está transformando a forma como acessamos informação. Em vez de navegar por links, ler diferentes conteúdos e interpretar perspectivas distintas, cada vez mais pessoas recorrem a plataformas capazes de entregar respostas prontas, contextualizadas e resumidas em poucos segundos. O hábito de pesquisar está sendo substituído pelo hábito de perguntar.

Essa mudança não está acontecendo apenas nas plataformas de inteligência artificial. Ela já influencia todo o ecossistema digital dos mecanismos de buscas. Embora o Google continue liderando o mercado global de buscas, com cerca de 90% de participação, a empresa acelerou a incorporação de recursos baseados em inteligência artificial em sua plataforma. Os AI Overviews, resumos gerados por IA exibidos diretamente nos resultados de pesquisa, já alcançam aproximadamente 2 bilhões de usuários mensais. O movimento mostra que a disputa não é mais entre buscadores e inteligência artificial. A própria busca está se tornando uma experiência conversacional.

A transformação faz sentido. Em um mundo cada vez mais acelerado, respostas rápidas representam ganho de produtividade. Segundo pesquisa divulgada pelo Gartner em 2026, cerca de um terço dos consumidores já considera chatbots de IA tão eficientes quanto mecanismos de busca tradicionais para aprender novas informações. O dado revela que a confiança dos usuários nessas ferramentas cresce à medida que elas se tornam mais presentes “inteligentes” e humanizadas.

Mas talvez a discussão mais importante não esteja na tecnologia em si. Historicamente, os mecanismos de busca funcionavam como intermediários da informação. Eles apresentavam caminhos, mas a etapa de análise continuava sendo responsabilidade do usuário. Era preciso abrir diferentes páginas, comparar argumentos, identificar contradições e avaliar a credibilidade das fontes consultadas.

A inteligência artificial altera essa dinâmica ao entregar uma

síntese pronta em segundos, a conveniência é inegável, mas o problema surge quando a facilidade reduz o impulso de questionar, não se trata de criticar a tecnologia nem de defender um retorno ao passado. A inteligência artificial representa um dos avanços mais importantes das últimas décadas e tem potencial para ampliar produtividade, acelerar pesquisas e democratizar o acesso ao conhecimento e o desafio é garantir que a praticidade não substitua o pensamento crítico.

Quanto mais natural se torna conversar com sistemas de IA, maior tende a ser a confiança depositada em suas respostas. E confiança excessiva pode criar uma ilusão perigosa: a de que toda resposta recebida é necessariamente correta, completa ou suficiente. No mundo corporativo, os erros de IA também acontecem com certa frequência e são chamados de "alucinações". Quando a IA é usada sem revisão humana ou limites rígidos de governança, ela pode apagar bancos de dados inteiros, introduzir vulnerabilidades críticas de segurança em códigos-fonte ou até mesmo executar ações destrutivas em ambientes de produção, replicando ou amplificando esses erros em suas respostas ou análises complexas.

O fato é que nenhuma tecnologia, por mais avançada que seja, elimina a necessidade de interpretação humana. Contexto, experiência, senso crítico e capacidade de julgamento continuam sendo elementos essenciais para transformar informação em conhecimento. Para implementar o uso de Inteligência Artificial de forma segura no desenvolvimento de software, por exemplo, sabemos que é necessário unir políticas rígidas de governança com ferramentas automatizadas de validação humana.

Esse debate é imenso e se torna ainda mais relevante em um momento em que a inteligência artificial começa a influenciar decisões profissionais, pesquisas acadêmicas, análises de mercado e até escolhas cotidianas. Se antes o desafio era encontrar informação, agora talvez o desafio seja saber até que ponto devemos confiar nela.

Estamos vivendo uma das maiores transformações da história da internet. Pela primeira vez, milhões de pessoas podem obter respostas complexas sem precisar percorrer o caminho que tradicionalmente levava ao aprendizado. A tecnologia continuará evoluindo e revolucionando processos; ocupará um papel cada vez mais relevante em nossas vidas, e pelo menos por enquanto, a capacidade de questionar continua sendo exclusivamente humana. E talvez seja justamente ela que precisemos preservar com mais cuidado.

(*) Bussines Sales Manager da Adistec Brasil.

Trabalho remoto estaria impactando a saúde mental

Desde a pandemia, trabalhar de casa tornou-se rotina para milhões de profissionais, situação que a princípio pode parecer muito vantajosa para essas pessoas.

Vivaldo José Breternitz (*)

Mas os resultados de uma pesquisa publicados na edição de quatro de junho da revista *Science* apontam que essa modalidade de trabalho pode estar ligada ao aumento de problemas de saúde mental.

A pesquisa analisou os dados obtidos em cinco grandes levantamentos efetuados nos Estados Unidos entre 2011 e 2024, em que foram ouvidos cerca de 580 mil trabalhadores.

Os pesquisadores concluíram que o avanço do trabalho remoto intensificou a sensação de isolamento social e pode explicar cerca de um terço do crescimento dos casos de sofrimento psicológico registrados desde a pandemia.

Profissionais de determinadas áreas, onde grande parte do trabalho é remoto, como desenvolvimento de software e algumas funções de suporte administrativo, passaram 58% mais horas trabalhando sozinhos do que aqueles em ocupações predominantemente presenciais.

A probabilidade de passar um dia inteiro sem contato humano presencial aumentou em 72%; entre pessoas que vivem sozinhas, o impacto foi ainda maior: elas relataram



Oleksandr_P_de_Pexels

mais dias sem interação social e níveis significativamente mais altos de sofrimento mental, levando-os a aumentar o uso de antidepressivos e buscar mais os serviços de saúde mental.

Para muitos adultos, o ambiente de trabalho é um dos poucos lugares onde há interação regular fora do círculo familiar. Conversas informais, reuniões de equipe e intervalos para o café podem parecer triviais, mas desempenham um papel importante na manutenção de vínculos sociais.

O estudo não sugere que empresas devam obrigar todos a voltar ao escritório em tempo integral, porém alerta para a necessidade de repensar como manter conexões sociais significativas em um cenário em que o trabalho remoto ou híbrido segue sendo comum, embora muitas empresas venham incentivado ou até mesmo exigindo a volta ao trabalho presencial por julgarem ser essa uma forma de obter maior produtividade.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e membro da Congregação da Faculdade de Medicina de Jundiaí – vjnitz@gmail.com.

Plataforma lança curso gratuito sobre saúde mental no Brasil

A crescente atenção dedicada à saúde mental nas políticas públicas brasileiras tem se refletido também nos concursos da área da saúde. Temas como atenção psicossocial, dependência química, transtornos mentais e organização da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) passaram a ocupar espaço cada vez mais relevante em editais destinados a diferentes categorias profissionais, exigindo dos candidatos conhecimentos que vão além da formação tradicional.

O cenário tem ampliado a procura por conteúdos especializados capazes de reunir, de forma estruturada, conceitos clínicos, legislação, protocolos de atendimento e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). Para muitos candidatos, um dos principais

desafios é justamente organizar o estudo de temas que envolvem diferentes áreas do conhecimento e que aparecem com frequência nas avaliações.

De olho nessa demanda, a Kultivi acaba de lançar gratuitamente o curso Saúde Mental para Concursos. A formação foi desenvolvida para reunir os principais conteúdos relacionados ao tema em uma trilha de aprendizagem voltada a profissionais e estudantes que buscam uma preparação mais direcionada para concursos públicos da área da saúde.

A iniciativa passa a integrar o catálogo da edtech, que reúne cursos gratuitos voltados à educação continuada, capacitação

profissional e preparação para concursos públicos. Segundo a empresa, o objetivo é oferecer conteúdos organizados de forma acessível, contribuindo para que estudantes e profissionais consigam estruturar melhor suas rotinas de estudo.

"A área de saúde mental reúne conceitos clínicos, legislações específicas, políticas públicas e modelos de atendimento que costumam gerar dúvidas entre os candidatos. Nossa proposta foi criar uma formação que permita compreender esse universo de maneira integrada, conectando teoria, prática e os temas mais recorrentes nos concursos públicos", afirma Claudio Matos, CEO da Kultivi (<https://kultivi.com/>).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Zema.com aumenta em 18 vezes a receita das IAs após estratégia digital

@O Zema.com registrou crescimento anual de 1.850% na receita de GEO, proveniente de acessos via LLMs (Large Language Models), usados em plataformas de inteligência artificial generativa, como Chat GPT e Gemini. O projeto também elevou em 1.490% as sessões e em 1.635% o número de novos usuários vindos dessas plataformas na comparação anual. A Wicomun implementou uma série de melhorias técnicas e estratégicas. Entre as ações, destacamos auditorias mensais de SEO e GEO, revisão das regras de robots.txt, ajustes de canonical, reorganização da árvore de categorias, otimização de breadcrumbs e melhoria para tornar a taxa de rastreamento do site mais eficiente (<https://www.wicommm.com.br/>).

Hubees amplia atuação

@A Hubees, plataforma reconhecida por suas soluções de estacionamento, amplia sua atuação no mercado e passa a oferecer um ecossistema completo de serviços voltados aos motoristas. A evolução da plataforma acompanha uma mudança no comportamento dos usuários, que buscam cada vez mais praticidade para resolver diferentes demandas relacionadas ao veículo em um único ambiente digital. A evolução da plataforma surgiu a partir da percepção de que os motoristas precisavam resolver diferentes demandas relacionadas ao veículo sem alternar entre diversos aplicativos. Além de encontrar vagas para estacionar, os motoristas precisam lidar frequentemente com débitos veiculares, contratação de seguros, custos de manutenção e diversas obrigações burocráticas. Com o objetivo de simplificar essa jornada, a Hubees passou a reunir várias soluções em seu aplicativo, oferecendo mais conveniência, previsibilidade e economia de tempo (<https://hubees.com.br/>).

Getnet lança maquininha com IA generativa conversacional integrada

@A Getnet, fintech líder em soluções de pagamento na América Latina e na Península Ibérica, anuncia o lançamento de sua nova geração de maquininhas com AI Generativa Conversacional. A novidade representa um avanço no papel das maquininhas no varejo, que deixam de ser apenas dispositivos transacionais para se tornarem plataformas inteligentes capazes de interagir com o lojista e inovar a experiência de pagamento. Na prática, o funcionamento é simples: o lojista utiliza o botão lateral da máquina para acionar a AI Conversacional e interagir com o dispositivo por voz. Ao informar, por exemplo, "R\$ 20,50 no débito", a máquina interpreta o comando, processa a solicitação e exibe automaticamente a tela de pagamento pronta para a conclusão da transação pelo cliente (<https://getnet.com.br>).

Commvault será integrada ao Microsoft Azure como serviço nativo de resiliência cibernética

@A Commvault, líder em resiliência unificada em escala empresarial, anunciou hoje uma parceria estratégica com a Microsoft que reforça a importância da IA e da resiliência cibernética à medida que as empresas aceleram sua migração para a nuvem, ampliam rapidamente o uso de IA e enfrentam ameaças cada vez mais complexas à segurança dos dados. Por meio dessa parceria, a Microsoft oferecerá as amplas tecnologias de IA e resiliência cibernética da Commvault como um serviço ISV nativo no Microsoft Azure. Isso dará aos clientes Azure a capacidade de descobrir, provisionar e integrar de forma simples os recursos confiáveis de resiliência da Commvault diretamente a partir da plataforma de nuvem Azure (<https://www.commvault.com/supported-technologies/microsoft>).

Editorias

Economia: Nelson Tucci (nelson.tucci@netjen.com.br)
Mercado/Negócios/Tecnologia/Agronegócios/ Espaço empresarial: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br);
Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)
Comercial: comercial@netjen.com.br
Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Editoração Eletrônica:* Ricardo Souza.
Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Segundo semestre: como evitar o esgotamento emocional acumulado

Empresas devem ter atenção dobrada

Redação

Estamos encerrando o primeiro e entrando no segundo semestre do ano. Muitas empresas entram em sua fase mais intensa de operação e vendas e, com isto, a pressão sobe. Algumas pessoas chegam bem até esta época do ano, produzindo normalmente, mas um universo grande de trabalhadores chega carregando meses de estresse e desgaste emocional acumulado.

Segundo a psicoterapeuta e especialista em saúde emocional Daniele Caetano, fundadora da Caminhos da Terapia, a combinação entre exaustão, insegurança, metas agressivas e falta de suporte adequado pode aumentar significativamente os casos de adoecimento mental no ambiente corporativo.

“O esgotamento emocional não acontece da noite para o dia. Ele é resultado de pequenos sinais ignorados ao longo do tempo. Quanto mais cedo a empresa identifica esses alertas e age preventivamente, menores são os impactos para as pessoas e para o negócio”, afirma.

A especialista explica que o segundo semestre costuma ser especialmente crítico porque reúne fatores que po-



Daniele Caetano, terapeuta.

tencializam o desgaste psicológico. “Os colaboradores chegam a essa fase carregando o desgaste dos primeiros meses do ano, enquanto as empresas intensificam cobranças e prazos para alcançar resultados antes do encerramento do ciclo”, destaca.

Sinais

Entre os principais sinais de exaustão emocional estão irritabilidade frequente, dificuldade de concentração, queda de energia, cansaço constante, perda de motivação, alterações no sono e aumento de erros em atividades rotineiras. E faz um alerta: “Muitas empresas ainda associam produtividade ao bem-estar, mas isso nem sempre corresponde à realidade. Há profissio-

nais que mantêm bons resultados enquanto enfrentam intenso sofrimento emocional”, constata.

De acordo com Daniele Caetano, o desgaste emocional não está ligado apenas ao volume de trabalho, mas também à forma como ele é conduzido. “Lideranças que mantêm uma comunicação focada apenas em cobranças, estabelecem metas pouco realistas ou normalizam jornadas excessivas podem aumentar significativamente a pressão psicológica sobre as equipes”.

NR-1 e saúde mental

A especialista destaca que a atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1) reforça a necessidade das empresas tratarem a saúde mental como parte da gestão de saúde e segurança do trabalho. “A norma fortalece a compreensão de que riscos psicossociais, como sobrecarga, assédio, excesso de pressão e ambientes emocionalmente inseguros, precisam ser identificados e gerenciados pelas empresas”, explica.

“Cuidar da saúde mental dos colaboradores deixou de ser apenas uma questão de bem-estar. Hoje, é uma estratégia essencial para a sustentabilidade dos negócios e para a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis”, conclui.

Empreender é construir o futuro todos os dias

Washington Vasconcelos (*)

Ao longo da minha jornada, aprendi que empreender vai além de abrir empresas ou buscar resultados. É a capacidade de enxergar oportunidades onde outros veem dificuldades, crer em uma visão antes que ela se torne realidade e trabalhar diariamente para transformá-la em algo concreto.

Essa base guiou a construção da Yonder. Desde o início, o propósito foi criar empreendimentos imobiliários capazes de gerar valor para clientes, investidores, colaboradores e para as regiões onde atuamos. Sempre acreditei que empresas sólidas são construídas com visão de longo prazo, disciplina na execução e compromisso com aquilo que foi prometido.

Vivemos em um cenário que exige preparo, adaptação e resiliência. As mudanças acontecem muito rápido e os mercados têm sido afetados por fatores econômicos, tecnológicos e sociais. O empreendedor precisa aprender a manter o foco no futuro sem perder a atenção aos desafios do presente.

No mercado imobiliário essa realidade é ainda mais evidente. A área movimenta diversos segmentos da economia, gera empregos e impacta diretamente a vida das pessoas. Quando uma família adquire um imóvel, ela não está comprando apenas um patrimônio. Está investindo em segurança, qualidade de vida e realização pessoal.

Na Yonder, sempre encaramos essa responsabilidade como um compromisso. Cada empreendimento representa a confiança depositada por centenas de clientes que acreditam em nosso trabalho. Por isso, entendemos que construir vai muito além da obra física. É cumprir compromissos, respeitar processos e manter relacionamentos duradouros.

Quando observo nossa economia, vejo um país com desafios conhecidos, mas também com oportunidades extraordinárias. Temos uma população empreendedora, um mercado

consumidor relevante e uma demanda constante por desenvolvimento urbano. Apesar dos obstáculos, o empreendedor brasileiro possui uma capacidade única de adaptação.

Ao longo dos anos, aprendi que os períodos mais desafiadores costumam revelar as empresas mais preparadas. Em momentos de incerteza, planejamento, gestão eficiente e responsabilidade financeira deixam de ser diferenciais e passam a ser requisitos fundamentais para a continuidade dos negócios.

Outro fator decisivo para o crescimento sustentável é a valorização das pessoas. Nenhuma empresa alcança resultados consistentes sem equipes comprometidas. Os melhores projetos são construídos por profissionais que compartilham valores, acreditam em um propósito comum e trabalham com excelência todos os dias.

A inovação também ocupa um papel central nesse processo. Não só a tecnologia, mas a capacidade de questionar modelos estabelecidos, buscar eficiência e encontrar novas formas de atender às necessidades do mercado. As empresas que prosperam são aquelas que conseguem evoluir continuamente sem perder sua essência.

O futuro do empreendedorismo estará cada vez mais ligado à capacidade de gerar valor real. Consumidores, investidores e parceiros buscam organizações que entreguem resultados, credibilidade, transparência e propósito. Essa transformação veio para ficar.

Minha experiência me mostrou que empreender é, acima de tudo, um exercício diário de construção: de negócios, de oportunidades, de relacionamentos e de legado. É essa possibilidade de transformar ideias em realizações concretas que continua me motivando a investir, inovar e acreditar no potencial de crescimento do Brasil.

(*) Washington Vasconcelos é CEO e fundador da Yonder Construtora e Incorporadora.

Exigências da UE podem embarrear pequenos cafeicultores

Restrições que serão impostas pelo Regulamento da União Europeia sobre Produtos Livres de Desmatamento (EUDR) até junho de 2027 farão com que cooperativas rurais e produtores familiares do café brasileiro tenham mais dificuldades para vender a produção para o bloco europeu.

A constatação faz parte de um estudo do projeto “Descarbonização e Política Industrial: Desafios para o

Brasil”, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), divulgado pela Agência Bori, voltada a estudos científicos.

O levantamento contextualiza que pouco mais da metade (51,2%) da produção do café brasileiro teve como destino a União Europeia (UE), em 2024, e prevê quais impactos da política de conservação ambiental europeia afetarão as exportações brasileiras.



Yaroslav Danylychenko, CANVA

O futuro regulamento condiciona o acesso ao mercado europeu à comprovação de que os produtos não foram cultivados em áreas que sofreram desmatamento após dezembro de 2020. Se não houver comprovação, a importação pela UE é vetada. As pesquisadoras da UFRJ Kethelyn Ferreira e Marta Castilho destacam que o bloco europeu classifica o Brasil como país de “risco padrão” (ABr).

www.netjen.com.br



Feira do busão

A **Lat.Bus 2026**, maior feira do setor de ônibus e mobilidade das Américas, terá uma área voltada para comercialização de ônibus seminovos, consolidando seu papel de fomentar negócios. Voltada para dirigentes de empresas operadoras e gestores públicos da mobilidade, a Lat.Bus chega em 2026 à quarta edição. A feira apresenta produtos da indústria de ônibus (chassis, carrocerias, peças e unidades motrizes), novas tecnologias em mobilidade e soluções em soluções de descarbonização, sustentabilidade e inovação. Também promoverá negócios e fortalecerá o debate sobre o transporte urbano, rodoviário, fretamento e turismo por ônibus. A Lat.Bus 2026 acontecerá em uma área de 45.000 m² e terá eventos como Frotas Conectadas, Encontro de Fretamento e Fórum de Transporte Sustentável. Em 2024, a Lat.Bus reuniu 150 expositores nacionais e internacionais. Recebeu visitantes de 30 países e movimentou R\$ 5 bilhões em negócios nos três dias. Este ano ela acontecerá de 11 a 13 de agosto no São Paulo Expo Exhibition & Convention Center (Rodovia dos Imigrantes, km 1,5) www.latbus2026.com.br

Chinesa Baic

Anote mais um nome chinês, que deverá se incorporar ao nosso dia a dia nas ruas e estradas: **Baic**. A montadora trará seus elétricos, já na virada do semestre. A operação começará com elétricos compactos e SUVs eletrificados. Os preços ainda não foram divulgados, mas a ideia é ter um nível alto de competição. Segundo estimativas do setor automotivo, até 2030 os carros chineses deverão representar 30% da frota produzida/importada no país.

Construção + cara

O custo da construção voltou a aumentar em junho e reforçou uma pressão que já aparece no caixa de construtoras e incorporadoras médias. O Índice Nacional de Custo da Construção, o **INCC-M**, calculado

pela FGV IBRE, subiu 0,85% no mês, acima da alta de 0,77% registrada em maio. No acumulado em 12 meses, o indicador chegou a 6,71%, abaixo dos 6,82% observados no mês anterior, mas ainda em patamar relevante para empresas que operam com obras longas, orçamento fechado e recebíveis distribuídos ao longo do cronograma. No ano, o índice acumula alta de 4,05%.

Copa de US\$ 41 BI

A Copa do Mundo FIFA 2026 já é a maior de todos os tempos, com 48 seleções, 104 partidas e jogos realizados em três países-sede: Estados Unidos, Canadá e México. Além do impacto esportivo, o que não é pouco, aliás, o evento deve movimentar cerca de US\$ 41 bilhões na economia global, segundo projeções do Bank of America. Diretamente, a FIFA deve auferir receita de US\$ 11 BI, com público espectador de 5 bilhões de pessoas.

Retenção de talentos

Não é apenas no campo ou na área de TI que falta gente para trabalhar. A dificuldade para atrair e reter profissionais qualificados já se tornou um dos principais desafios da indústria brasileira, no geral. Durante palestra na Arena do Conhecimento da Expobor e Pneushow, realizada na semana que passou, **Stefania Giannoni**, especialista da SLG Desenvolvimento de Pessoas, alertou que as empresas enfrentam uma verdadeira guerra por talentos e precisam rever suas estratégias para proteger suas operações. “Hoje estamos concorrendo com o virtual e com novas formas de prestação de serviços. O maior concorrente da sua empresa pode não ter fábrica, mas oferece condições de trabalho que atraem os profissionais”, afirmou ela, finalizando: “Inovação, automação e transformação digital deixaram de ser diferenciais e passaram a determinar a competitividade das empresas. Nesse cenário, os colaboradores também precisam desenvolver novas competências, especialmente habilidades digitais e comportamentais”.



Recapagem de pneus

Pneushow 2026, principal feira latino-americana de reforma de pneus, que terminou na quinta, 25, apresentou a importância desse setor para a economia e para a sustentabilidade, mostrando lançamentos e soluções inovadoras para o mercado logístico, de transportes e automotivo. Os pneus nacionais apresentam, em média, 16% mais sobrevida na recapagem ante aos importados. Na prática, isso significa que os pneus produzidos localmente alcançam uma média de 1,94 vida útil — ou quase duas reformas ao longo de sua trajetória — contra 1,78 dos importados. A diferença também aparece na primeira avaliação da carcaça: os importados têm taxa de rejeição de 21,6%, contra 16,9% dos nacionais. As informações são de um estudo inédito da Junsoft, divulgado durante a Pneushow 2026. A análise foi baseada em 709 mil pneus de caminhões e ônibus e 400 marcas acompanhadas entre janeiro de 2025 e maio de 2026.

Banda premium

A **Tipler** aproveitou a Pneushow 2026 para apresentar novidades voltadas para aumento da quilometragem, segurança e rentabilidade das operações. “O grande destaque é a RT 74 Plus, uma evolução da nossa consagrada banda de tração RT 74, desenvolvida com um composto especial que proporciona maior robustez e quilometragem”, disse Jandreí Goldschmidt, gerente da Unique Rubber Technologies. Além do transporte rodoviário, a empresa também atende os segmentos agrícola e fora de estrada por meio da linha Camelback, utilizada na recapagem de pneus destinados a operações mais severas.

Linha de tração

A **Marangoni** mostrou uma nova solução para reconstrução de pneus de carga que se constitui evolução

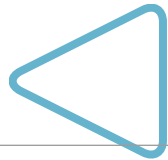
da linha de tração, com a finalidade de apoiar o reformador no dia a dia. Denominada RTDR 22, o produto tem 18 mm de profundidade, desenho bidirecional e alto poder de tração, permitindo escoamento de água na rodagem e facilitando a gestão dos pneus e o controle do desgaste, especificou Diego Antoniotti, gerente da Marangoni. A tecnologia favorece rolagem automática e ganho de tempo, e por ser uma peça única, permite melhor balanceamento, tornando o pneu reformado comparável ao novo.

Nova opção

A ampliação do portfólio Ruzi, segunda marca da **Vipal** de produtos para reforma de pneus, foi destaque na Pneushow com a linha de pneus para veículos pesados de transporte rodoviário de cargas e passageiros, que “apresenta bom custo-benefício frente aos pneus importados”, comentou Flávio Bettioli Jr, da Vipal. Entre os diferenciais, Bettioli lista o rendimento quilométrico em primeira vida próximo a 100 mil km e a possibilidade de ser reformável até mais duas vidas, o que para o cliente final é um excelente custo-benefício.

Conferência Ethos

Vem aí a **Conferência Ethos 2026**. Se você acompanhar a sustentabilidade, agende-se: dias 18, 19 e 20 de agosto, em São Paulo. A 27ª edição da Conferência reunirá diferentes setores para debater os desafios que impactam empresas, sociedade e o futuro do país. Nos dias 19 e 20, evento será no Teatro Paulo Autran, no Sesc Pinheiros, com atividades abertas ao público, reunindo lideranças empresariais, representantes da sociedade civil, academia, setor público e especialistas em uma programação plural e gratuita. Já no dia 18 haverá encontro exclusivo para empresas associadas e patrocinadores, na Casa Natura Musical.





Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



O Segredo do Anonimato

Vinícius Taddone – Viseu – Numa época em que o brilho social tende a nos oprimir, a obtenção de clicadas, likes e demais aparatos para , literalmente, aparecer – “Apareço, logo, existo” – está causando um demasiado e prejudicial estresse social. Pessoas e empresas buscam incessantemente um lugar ao sol. Para isso , não raro, lançam-se a extremos. Os noticiários, às vezes fofoqueiros, dão conta desses exageros. O profissional de marketing, autor da obra em tela, nos ensina como sentir-se bem, exitoso, sem necessitar conspirar-se nessa guerra de vaidades. Num linguajar direto, claro, sem ofender a inteligência do leitor, Taddone, desfila conceitos primorosos para uma tranquila e meritória carreira evolutiva. Oportuna!



Minha Avó é uma Bruxa! E... A biblioteca secreta

Marta Leonel Balieiro Kurek – Carolyné Apolinário Peluci – Artêrinha – Uma avó bruxa leva sua neta para conhecer uma biblioteca dirigida por bruxas de boa estirpe, afinal, quem lida com livros não pode ser má. Um mundo absolutamente inesperado descortina-se. Importantes obras, de relevantes personalidades são apresentadas à atônita neta. Repentinamente uma ocorrência fortuita colocou em risco toda “bibliobruxa”, forçando-as a utilizarem todos seus “bruxísticos” poderes. Uma aventura sem igual, que propiciará valores, boas informações e sonhos aos infantes alfabetizados. Um encantamento!



Eu Por Inteiro: Como se reconectar e ser protagonista da própria vida

Gabrielle Bernstein – Juliana Lima (Trad) – Latitude – Autora consagrada internacionalmente, Gabby, como gosta de ser chamada, autora de mais de uma dezena de livros, atua nos meios midiáticos levando suas acalentadoras palavras com reais estímulos para uma construção ou reconstrução de sistemas que propiciem um enfrentar de situações que poderão estar atravancando, prática ou espiritualmente a trajetória de vida. Seus conselhos, mentorias ou mesmo minutos em programas de TV, são sempre buscados. Os resultados benéficos são aparentes. O aperfeiçoamento pessoal apresenta-se iminente. Na obra, onde nada lhe escapa, caminhos apresentam-se de maneira bastante factíveis. O leitor, mesmo aquele não necessitado de aconselhamento, poderá servir-se de uma brilhante carreira, na qual a jovial autora sempre promoveu bem-estar e segurança. Ao sucesso!



Fundamentos para a Gestão de Negócios Internacionais

Zilda Mendes – Mackenzie – Vivemos num universo cada vez mais conectado, seja por intermédio das redes, teles e demais ferramentas midiáticas que nos “atingem” cotidianamente, despertando interesses vários, alguns bons outros, nem tanto. A complexidade dessa interação é profunda, seus meandros dotados de tentáculos com uma elasticidade ímpar, na maioria das vezes se apresentam tal qual uma escura e densa nebulosa, que não raro, assusta e poderá afastar-nos de chances comerciais. A professora Zilda, referência mundial para esse assunto, hoje de primordial importância, nos privilegia com todo seu cabedal, indicando caminhos e modus operandi para que qualquer tipo de negócio ou tamanho possa permear nesse intrigante e lucrativo cenário que é o mercado internacional. Legislação, moedas, câmbio e costumes são tratados com firmeza, rigor e profundidade, todavia, de maneira prática, que favorecem pleno entendimento e por consequência exito comercial. Ao faturamento!

www.bcctelevision.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!



Com apresentação de Ralph Peter.







www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171

Alimentos & Bebidas: como melhorar a experiência do cliente?

Preço e qualidade continuam sendo fatores importantes para a decisão de compra, mas já não são suficientes para garantir a preferência do consumidor, especialmente no setor de alimentos & bebidas

Luiz Correia (*)

Em um mercado cada vez mais aquecido e repleto de alternativas, ainda mais diante da expansão do delivery, a experiência do cliente passou a ocupar um papel central na construção da lealdade e fidelidade à marca. Afinal, em um ambiente onde avaliações, comentários e recomendações circulam constantemente online, uma única experiência pode influenciar a decisão de centenas ou até milhares de consumidores.

Dados divulgados no ReviewDriver comprovam esse cuidado: mais de 90% dos entrevistados afirmam que reviews online impactam, diretamente, suas decisões de compra, além de 62% que consultam múltiplas plataformas antes de escolher uma marca ou estabelecimento. Por mais desafiador que seja, esse é um movimento natural diante do aquecimento do mercado, o que amplia a competitividade graças à maior facilidade de comparação entre empresas do mesmo segmento. O público fica mais criterioso e com um poder gigante proporcionado pelas redes sociais, seja para enaltecer ou criticar qualquer marca.

No setor de alimentos e bebidas, essa realidade ganha contornos ainda mais complexos. Diferentemente de outros segmentos que operam, majoritariamente, no ambiente digital, aqui, a jornada do consumidor combina experiências online e presenciais, fazendo com que cada ponto de contato influencie sua percepção sobre a marca. A decisão de visitar um restaurante pode ser motivada por avaliações encontradas na internet, mas a fidelização também será influenciada por fatores



Billion Photos_CAWVA

sobretudo, de relacionamento contínuo. Por isso, quanto mais as empresas entenderem os desejos de seus clientes, suas insatisfações e feedbacks, mais chances terão de adotar ações realmente assertivas para seu crescimento.

vivenciados presencialmente, como a qualidade do atendimento, o ambiente em si, a personalização da experiência e, até mesmo, os benefícios oferecidos por programas de fidelidade, por exemplo.

Ainda, muitas empresas concentram seus esforços apenas até o momento da venda, e deixam de lado uma etapa fundamental nesse processo: o relacionamento pós-consumo. Manter uma conexão ativa com o cliente após a visita é uma oportunidade valiosa para fortalecer vínculos, incentivar novas visitas e, principalmente, obter feedbacks que permitam identificar pontos de melhoria e aprimorar, continuamente, a experiência oferecida. Entender essa jornada do cliente e quais os pontos críticos é o que diferencia as empresas desse ramo, o que exige um mapeamento profundo de cada uma dessas etapas para identificar gaps a serem melhorados, visando mitigar riscos e gerar uma vivência marcante.

Nesse sentido, a tecnologia vem assumindo um papel cada vez mais indispensável. Isso porque se, antes, as infinitas filas de espera eram uma estratégia clássica de restaurantes para demonstrar seu poder de atração ao mercado, hoje, o que se vê é uma onda crescente de

soluções que possibilitam ao cliente já entrar na fila antes mesmo de sair de casa, assim como as ferramentas de reserva cada vez mais populares, vindo ao encontro da necessidade de tempo cada vez mais escasso dos clientes, principalmente nos grandes centros.

As soluções de avaliação e experiência também são peças-chave na construção de uma boa reputação, não apenas para que uma determinada marca seja bem-vista frente a seus concorrentes, mas para que transforme esses feedbacks em insights de melhoria contínua, de forma que garanta o oferecimento de experiências memoráveis a seus consumidores. Se dispor a entender as experiências ruins e suas fragilidades não deve ser encarado com algo ruim, mas justamente como uma oportunidade de implementar ações corretivas que mitiguem esses momentos negativos.

Aplicar os canais digitais nas jornadas de relacionamento, nesse sentido, é um caminho necessário, justamente pela sua capilaridade e alcance no ambiente digital. Mas, muito além do que se comunicar em uma boa plataforma, o grande diferencial continuará sendo a forma como cada empresa irá explorá-lo, de forma que não se limite a um canal de vendas, mas,

Os aplicativos de delivery (marketplaces food) vem sendo um importante pilar para marcas que tinham pouco investimento em tecnologia, mas não podem parar por aí. Outros que ganham muita força são o WhatsApp, RCS e, claro, as próprias redes sociais, todos capazes de divulgar os serviços da marca e, acima de tudo, de se tornarem uma potência na atração e retenção de novos consumidores. Quanto mais pontos de contato estiverem presentes, maiores serão as chances de colherem ótimos frutos através dessa estratégia - afinal, dar poder ao consumidor para que escolha onde prefere se comunicar, é o que realmente fará diferença.

A fidelização no setor de alimentos e bebidas é resultado de uma soma de fatores que vão muito além da qualidade do produto. Ela nasce da capacidade de ouvir, compreender e responder às expectativas dos consumidores em todos os pontos da jornada, na facilidade de fazer uma reserva, na cordialidade do atendimento, na qualidade da refeição, na atenção dada a uma reclamação e no relacionamento mantido após a visita. São os detalhes que fazem a diferença, de forma que, em um mercado onde as opções são abundantes, serão lembradas as marcas que conseguirem fazer com que seus clientes se sintam valorizados.

(*) Head comercial na Pontaltech.

Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL

33º Subdistrito - Alto da Mooca

ILZETE VERDERAMO MARQUES - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **VÍTOR AUGUSTO SANTOS NASCIMENTO**, estado civil solteiro, filho de Vagner do Nascimento Pinto e de Alaide dos Santos, residente e domiciliado no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. A pretendente: **DANIELLE SOUSA CARDOSO**, estado civil solteira, filha de Adoneis Cardoso Nonato e de Francinete Sousa Cardoso, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP.

O pretendente: **FÁBIO JESUS BARROS CORRAL**, estado civil divorciado, filho de Jesus Corral Filho e de Pecília Maria Barros Corral, residente e domiciliado no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. A pretendente: **PRISCILA LITZINGER MARANINI**, estado civil divorciada, filha de Jair Molina Maranini e de Rosana Litzingbr Maranini, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP.

O pretendente: **MARCOS VINICIUS LOPES DA SILVA**, estado civil solteiro, filho de Antonio Lopes da Silva e de Marilene Souza dos Santos, residente e domiciliado no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. A pretendente: **ANA CAROLYNE DE SOUZA LIMA**, estado civil solteira, filha de Silvano de Souza Lima e de Ana Maria de Lima, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP.

O pretendente: **ALEXANDRE GOMES DA SILVA**, estado civil solteiro, filho de Darci da Silva e de Vandercy Gomes da Silva, residente e domiciliado no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. A pretendente: **MAIRA LAIS DA SILVA**, estado civil divorciada, filha de Stela da Silva, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP.

O pretendente: **CARLOS CEZAR ARAUJO JÚNIOR**, estado civil solteiro, filho de Carlos Cezar Araujo e de Francisca Claudia do Nascimento, residente e domiciliado no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. A pretendente: **MARIA JULIANA ROCHA**, estado civil solteira, filha de Luis Jocelio da Rocha e de Maria Solange de Maria da Rocha, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP.

O pretendente: **FELLIPE DANHONI**, estado civil solteiro, filho de Alex Pedro Danhoni e de Sueli Isabel Ferreira Danhoni, residente e domiciliado em Santo André - SP. Apretendente: **ANNA LUÍZA FONTES ASCOLI**, estado civil solteira, filha de Miguel Ascoli Neto e de Mariza Antonia Fontes, residente e domiciliada no Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. Obs.: O pretendente é residente à Rua Silva Teles, nº 107, em Santo André - SP e a pretendente é residente à Rua Guaimbé, nº 156, apto. 51, Alto da Mooca, neste subdistrito - São Paulo - SP. Em razão da revogação do parágrafo 4º do Artigo 67, da Lei 6015/77, pelo Artigo 20, Item III, alínea "b" da Lei 14.382/22, deixo de encaminhar Edital de Proclamas para afixação e publicidade ao Cartório de residência do pretendente.

Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local
Jornal Empresas & Negócios

Azeite Sabiá é eleito o melhor do Hemisfério Sul em premiação

A marca Sabiá celebra uma importante conquista que reforça sua posição de destaque no cenário nacional e internacional da produção premium. No EVO International Olive Oil Contest (EVO IOOC) 2026, um dos mais prestigiados concursos de azeite do mundo, realizado na Calábria, Itália, o azeite premium extravirgem da variedade Coratina ganhou o prêmio máximo da competição como o Melhor do Hemisfério Sul.

Reconhecido por reunir os melhores azeites extravirgens do mercado global, nesta edição, o concurso reuniu 786 amostras provenientes de 32 países, sendo 115 brasileiros, consolidando a premiação como uma das mais relevantes do universo do azeite. Com esse reconhecimento, o Sabiá reafirma sua excelência e se consagra como a principal referência entre as marcas brasileiras na competição.

Além da premiação máxima, as quatro amostras enviadas pela marca conquistaram a medalha de ouro: na categoria Monovarietal do Hemisfério Sul, com os azeites extravirgem Sabiá das variedades Coratina, Picual e Koroneiki; e na categoria Blend, com o azeite extravirgem Blend de Terroir.

“Estes reconhecimentos confirmam que estamos no caminho certo e celebram um trabalho construído com paixão, dedicação, conhecimento e qualidade. Por trás de um grande produto, há um processo rigoroso: a colheita cuidadosa, a higiene impecável e o transporte rápido até o lagar são os verdadeiros segredos da nossa excelência”, celebram Bia Pereira e Bob Costa, fundadores e produtores do Grupo Sabiá.

Conheça os cinco golpes digitais mais comuns contra idosos em 2026

Especialista alerta para o avanço das fraudes online direcionadas à população 60+ e explica como identificar tentativas de golpe antes que elas causem prejuízos financeiros e emocionais

Os golpes digitais contra idosos estão cada vez mais sofisticados e passaram a figurar entre as formas mais recorrentes de violência financeira contra a população 60+. Aplicativos de mensagens, ligações falsas, perfis clonados e até ferramentas de inteligência artificial vêm sendo utilizados por criminosos para explorar a confiança e a vulnerabilidade desse público, causando prejuízos financeiros e emocionais.

Um levantamento inédito da Fundação Seade revelou que 82% das pessoas com 60 anos ou mais no estado de São Paulo já sofreram tentativas de golpes virtuais por meio de mensagens, e-mails ou ligações fraudulentas. Embora o percentual seja inferior ao observado entre adultos de 30 a 59 anos, faixa em que os índices superam 90%, o dado mostra que os idosos também estão amplamente expostos aos riscos do ambiente digital, um cenário que reflete uma realidade observada em todo o país.

Para o advogado Mário Henrique Martins, do Martins Cardozo Advogados Associados e especialista em Direitos Difusos e Coletivos, a combinação entre a rápida digitalização dos serviços e a evolução das técnicas utilizadas pelos fraudadores criou um ambiente especialmente desafiador para a população idosa.

“Os criminosos estão utilizando recursos cada vez mais sofisticados para enganar as vítimas, explorando sentimentos como confiança, medo e urgência. Em muitos casos, o prejuízo vai além da questão financeira e afeta diretamente a autonomia, a



segurança e a qualidade de vida do idoso. A informação e a educação continuam sendo as principais ferramentas de prevenção”, afirma.

Diante desse cenário, o especialista lista os golpes digitais mais comuns aplicados contra idosos em 2026 e as principais formas de proteção.

1. Golpe da falsa central bancária

“Os criminosos costumam criar uma sensação de urgência para impedir que a vítima reflita antes de agir. Quando alguém pede senhas, códigos de autenticação ou transferências sob o argumento de proteger uma conta bancária, o primeiro passo deve ser interromper o contato e buscar confirmação diretamente com a instituição financeira. Nenhum banco solicita esse tipo de procedimento por telefone”, alerta o advogado.

2. Clonagem de voz por inteligência artificial

“A inteligência artificial tornou os golpes mais sofisticados porque permite reproduzir vozes com um grau de realismo cada vez maior. Hoje, ouvir a voz de um familiar não é mais uma garantia de

autenticidade. Sempre que houver um pedido de dinheiro fora do habitual, a orientação é confirmar a situação por outros canais antes de qualquer transferência”, explica.

3. Falso pedido de atualização cadastral

“Muitas fraudes começam com uma mensagem aparentemente simples informando a necessidade de atualizar dados ou regularizar um cadastro. O objetivo é obter informações pessoais e bancárias da vítima. Por isso, é fundamental evitar clicar em links recebidos por mensagens e acessar apenas canais oficiais das empresas ou instituições envolvidas”, recomenda Mário.

4. Golpe do falso benefício ou restituição

“Promessas de valores a receber costumam despertar interesse imediato, especialmente quando envolvem aposentadorias, benefícios sociais ou restituições. O consumidor precisa ter em mente que órgãos públicos não exigem pagamentos antecipados para liberar recursos. Sempre que houver cobrança prévia para acesso a um suposto direito, existe um forte indicativo de fraude”, ressalta.

5. Golpe do WhatsApp clonado

“Grande parte dos casos poderia ser evitada com medidas básicas de segurança digital. A autenticação em duas etapas cria uma camada adicional de proteção e dificulta significativamente a ação dos criminosos. Além disso, pedidos urgentes de dinheiro enviados por aplicativos de mensagens devem ser confirmados diretamente com a pessoa antes de qualquer decisão”, orienta o advogado.

Informação é a principal ferramenta de proteção

Segundo Mário, o enfrentamento à violência digital contra idosos exige uma combinação entre educação digital, apoio familiar e conscientização jurídica. “Muitos idosos foram educados em uma cultura baseada na confiança e acabam se tornando alvos preferenciais de criminosos que exploram justamente essa característica. Conversar sobre golpes, compartilhar informações e estimular a checagem de dados antes de qualquer decisão financeira são atitudes simples que podem evitar prejuízos significativos”, destaca.

O advogado reforça que conhecer os próprios direitos também é uma forma de proteção. “Em muitos casos, a vítima acredita que não há o que fazer após o golpe. No entanto, dependendo das circunstâncias, é possível buscar responsabilização dos envolvidos e reparação dos danos. A informação continua sendo a melhor defesa contra qualquer fraude”, conclui o advogado.

Empreender é humano

Melissa Artioli (*)

Celebrado em 27 de junho, o Dia Internacional das Micro, Pequenas e Médias Empresas, abre espaço para ir além dos números e reconhecer o que realmente sustenta o empreendedorismo: as pessoas

Costuma-se falar muito sobre estratégia, marketing e finanças ao pensar em abrir ou gerir um negócio, e esses pilares são de fato importantes. No entanto, existe uma dimensão igualmente essencial e muitas vezes negligenciada, que é o desenvolvimento humano de quem empreende.

Na prática, nenhum negócio se sustenta no longo prazo sem que o próprio empreendedor evolua junto. Antes de liderar equipes, produtos ou projetos, é preciso aprender a lidar com a si mesmo. O autoconhecimento deixa de ser um diferencial e passa a ser uma necessidade. Entender os próprios valores, reconhecer talentos e limites e saber como reagir diante de desafios são fatores que impactam diretamente a qualidade das decisões e a forma como o negócio se posiciona no mercado.

Empreender, por essência, é lidar diariamente com incertezas. Oscilações, imprevistos e pressões fazem parte do percurso. Nesse cenário, a inteligência emocional se torna uma competência central. Manter o equilíbrio, saber lidar com frustrações e tomar decisões com clareza, mesmo em momentos difíceis, é o que separa trajetórias sustentáveis de caminhos interrompidos precocemente. Trata-se de uma habilidade silenciosa, mas profundamente determinante.

Ao mesmo tempo, o ambiente de negócios é dinâmico e exige adaptação constante. O que funcionava ontem pode não funcionar amanhã. Nesse contexto, a capacidade de se adaptar e de construir relações sólidas é fundamental. Empreender não é um movimento isolado. É, antes de tudo, gerar valor

para outras pessoas, compreender necessidades reais e estabelecer conexões que vão além da transação comercial.

Apesar disso, ainda há uma tendência a romantizar o empreendedorismo. Muitas narrativas destacam apenas conquistas e resultados positivos, ignorando que o caminho também é marcado por dúvidas, inseguranças e recomeços. Empreender pode ser extraordinário, mas também é exigente e, em muitos momentos, solitário. Por isso, há um risco importante quando o empreendedor passa a vincular sua identidade exclusivamente ao desempenho do negócio. Quando os resultados não vêm como esperado, o impacto emocional pode ser intenso se não houver uma base interna estruturada.

Com o tempo, fica evidente que empreender vai muito além de construir uma empresa. É um processo contínuo de desenvolvimento pessoal. O crescimento do negócio acompanha, inevitavelmente, o crescimento de quem está à frente dele. Essa é uma relação direta e inegociável.

Talvez o maior aprendizado seja entender que sucesso não pode ser medido apenas por resultados externos, como faturamento ou expansão. Existe uma dimensão mais profunda, que envolve coerência interna, propósito e alinhamento entre valores e ações. Manter esse equilíbrio ao longo do tempo é um desafio constante, mas também é o que sustenta uma trajetória mais sólida e significativa.

No fim das contas, o maior ativo de qualquer negócio não está nos números, mas na pessoa que o constrói todos os dias. E alcançar a melhor versão de si mesmo não é um destino final, mas um estado de alinhamento contínuo entre quem se é e como se vive, dentro e fora do trabalho.

(*) Executiva e empreendedora, autora de “Solte, Entregue, Confie” (DVS Editora).

NCVP Participações Societárias S.A.

CNPJ nº 07.278.168/0001-02 - NIRE 35.300.321.812

Extrato da Ata da Assembleia Geral Ordinária Realizada em 31/03/2026

Aos 31/03/2026, às 14:00, na sede social da Companhia, com a totalidade do capital social da Companhia. **Mesa:** Sr. Renato Alessandri Alves de Oliveira, Presidente; e Sra. Ana Paula Schmidt, Secretária. **Resumo das Deliberações:** Os acionistas, por unanimidade de votos e sem quaisquer ressalvas, deliberaram quanto segue: **(a) aprovar** as contas dos administradores e as Demonstrações Financeiras da Companhia relativas ao exercício social encerrado em 31/12/2025; **(b)** em relação ao resultado do exercício de 2025, tendo sido apurado prejuízo no valor de R\$ 17.611.141,77, **aprovar** a absorção deste prejuízo pelas reservas de lucro que, após absorção, somam R\$ 76.840.047,04; **(c) consignar** que a remuneração global anual da Diretoria permanece no valor fixado em Assembleia Geral de Constituição, mediante Artigo 17 do Estatuto; e **(d) aprovar** publicação desta ata de Assembleia Geral Ordinária na forma de extrato. Nada mais. **Presentes:** Renato Alessandri Alves de Oliveira, Presidente da Mesa; Ana Paula Schmidt, Secretária da Mesa. **Acionistas:** **BNP Paribas Cardif S.A.** - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira; **Cardif Assurances Risques Divers S.A.** - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira. São Paulo, 31 de março de 2026. **Mesa:** Renato Alessandri Alves de Oliveira - Presidente; Ana Paula Schmidt - Secretária. **Acionistas Presentes:** BNP Paribas Cardif S.A. - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira. Cardif Assurances Risques Divers S.A. - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira. **Diretores da Companhia Presentes:** Alex Fabian Colares Silva; Renato Alessandri Alves de Oliveira. **JUCESP** nº 1.340.936/26-4 em 23/06/2026. Marina Centurion Dardani - Secretária Geral.

Cardif Ltda.

CNPJ/ME nº 03.032.057/0001-60 - NIRE 35.215.572.814

Extrato da Ata de Reunião de Sócios Realizada em 31/03/2026

Ao 1/03/2026, às 13:00, na sede social, com a totalidade do capital social da Sociedade. **Mesa:** Sr. Renato Alessandri Alves de Oliveira, Presidente; e Sra. Ana Paula Schmidt, Secretária. **Resumo das Deliberações:** Após a discussão da matéria pertinente à ordem do dia, as Sócios, por unanimidade de votos e sem quaisquer ressalvas ou restrições, aprovaram as contas da administração, bem como o balanço patrimonial e de resultado econômico da Sociedade, relativos ao exercício social encerrado em 31/12/2025. Foram arquivados na sede social os documentos submetidos à apreciação desta reunião mencionados nesta ata. Nada mais. São Paulo, 31/03/2026. **Mesa:** Renato Alessandri Alves de Oliveira - Presidente; Ana Paula Schmidt - Secretária. **Sócios Presentes:** BNP Paribas Cardif S.A. - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira; Cardif Assurances Risques Divers S.A. - p.p. Renato Alessandri Alves de Oliveira. **JUCESP** nº 1.336.536/26-3 em 18/06/2026. Marina Centurion Dardani - Secretária Geral.



TRANSPARÊNCIA

A TRANSPARÊNCIA DA EMPRESA GERA CONFIANÇA AOS LEITORES. POR ISSO, AS PUBLICAÇÕES LEGAIS NOS JORNAIS SÃO ESSENCIAIS PARA A SEGURANÇA JURÍDICA.

AFINAL, O JORNAL É LEGAL.



cenp

Forum da
Autorregulação
do Mercado
Publicitário

ANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNAIS

abra
legal

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS AGÊNCIAS E VEÍCULOS
ESPECIALIZADOS EM
PUBLICIDADE LEGAL

adjoribr
JORNAIS DO INTERIOR





A armadilha da automação: quando a tecnologia acelera o erro

Uma das ilusões mais perigosas da transformação digital é imaginar que tecnologia corrige a fragilidade operacional. Não corrige.

Quando a base está errada, a automação não resolve o problema; na verdade ela acelera e amplifica o erro. Esse ponto merece mais atenção porque vivemos uma corrida legítima por eficiência. Automatizar reduz esforço manual, encurta ciclos e melhora a produtividade.

Ao mesmo tempo, boa parte das áreas de contas a pagar ainda convive com processos incompletos, lançamentos manuais e fluxos híbridos. Dados do Panorama do Contas a Pagar 2026 mostram que 24% das empresas gastam mais de dez horas por semana em tarefas manuais, como entrada de dados, conferências, buscas de informações, cadastros e conciliações.

É aí que mora a armadilha. O discurso da automação costuma enfatizar velocidade, escala e redução de custo. Só que velocidade, sem critério, pode significar apenas erro em série. Em contas a pagar, isso é especialmente sensível porque o processo não termina na operação. Ele toca caixa, compliance fiscal, relacionamento com fornecedores, contratos, auditoria, reputação e, em muitos setores, risco regulatório. Um dado incorreto que entra cedo demais no fluxo pode atravessar aprovações, afetar pagamentos, gerar divergência documental e só aparecer quando o dano já ocorreu.

O risco, portanto, não é apenas técnico, mas também organizacional. Empresas frequentemente tratam automação como atalho para compensar desorganização, falta de padronização e baixa qualidade de dados. Só que sistemas não substituem o discernimento. Quando a liderança terceiriza a decisão para a tecnologia, o senso crítico começa a desaparecer. O processo passa a parecer confiável porque ficou mais

Erika Daguaní (*)

rápido, não porque ficou mais maduro.

Na prática, automatizar um processo ruim significa institucionalizar exceções, ocultar fragilidades e dificultar o rastreamento da causa raiz. Em fraude, por exemplo, a vulnerabilidade no Contas a Pagar segue relevante. Um relatório global do Institute of Financial Operations & Leadership mostrou que 65% dos respondentes conheciam alguma empresa ou indivíduo vítima de fraude nessa área nos últimos cinco anos. Isso mostra que o problema não está só na ausência de tecnologia, mas na combinação entre falhas de controle, lacunas de governança e confiança excessiva em fluxos que nem sempre são auditáveis.

A discussão correta, portanto, não é se devemos automatizar. É o que automatizar, em que momento e sob quais critérios de controle. O futuro do financeiro não passa por substituir julgamento humano, e sim por automatizar decisões repetitivas dentro de uma arquitetura clara de governança. Isso exige desenho de processo, papéis bem definidos, trilha de auditoria, qualidade de dados na origem e mecanismos de exceção que preservem análise crítica. Organizações que avançam melhor em IA e automação costumam fazer exatamente isso: tratam a governança como parte da transformação, não como uma camada extra.

Por isso, empresas maduras não automatizam tudo. Elas escolhem o que merece escala, o que precisa de supervisão e o que ainda exige revisão estrutural antes de qualquer ganho de velocidade. Essa talvez seja a principal responsabilidade da liderança agora: resistir ao fascínio da automação e recolocar a discussão no lugar certo. Eficiência real não nasce da pressa de digitalizar. Nasce da capacidade de transformar processo, governança e dados em confiança operacional. E confiança continua sendo uma decisão humana.

(*) CPO da Qive.

Reforma Tributária entra na fase de execução em 2026

A Reforma Tributária brasileira avançou, por décadas, como uma promessa distante, complexa, discutida e frequentemente adiada

Ana Paula Maciel (*)

Em abril de 2026, com a publicação dos regulamentos da Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS) e do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS), o país deixa definitivamente o campo da teoria e entra em um novo território: o da execução.

A publicação simultânea do Decreto nº 12.955/2026, da Resolução CGIBS nº 6/2026 e da Portaria Conjunta MF/CGIBS nº 7/2026 marca o ponto de virada. Com mais de 1.200 artigos combinados, esses instrumentos não apenas detalham o funcionamento da CBS e do IBS, como também inauguram uma nova lógica tributária baseada em rastreabilidade, padronização e validação contínua de dados.

Existe uma percepção comum de que os impactos mais relevantes da reforma só começarão em 2027, quando a cobrança efetiva de CBS e IBS terá início. Essa leitura, embora compreensível, é incompleta. Os riscos mais imediatos não são apenas fiscais no sentido clássico, mas principalmente operacionais. Em operações de alto volume, uma falha de parametrização ou integração não representa apenas um erro pontual, mas um efeito cascata que impacta o faturamento, logística e relacionamento com clientes.

Esse deslocamento do risco, do pagamento para a operação, é um dos aspectos menos debatidos da reforma e, ao mesmo tempo, um dos mais críticos. Ele exige uma mudança de mentalidade: conformidade tributária



Kamelen007_CANVA

deixa de ser uma função de fechamento contábil e passa a ser um atributo da operação em tempo real. A promessa de simplificação, frequentemente associada à reforma, precisa ser interpretada com cautela. O novo modelo reduz distorções históricas e tende a aumentar a transparência, mas faz isso por meio de uma estrutura altamente sofisticada.

Antes, a complexidade estava na legislação fragmentada. Agora, ela está na necessidade de traduzir regras unificadas em sistemas integrados, capazes de operar com precisão em diferentes jurisdições e contextos. O detalhamento do split payment, a introdução de três novos tipos de documentos fiscais eletrônicos, a tripartição de créditos e as regras específicas para setores como serviços financeiros, saúde e mercado imobiliário são exemplos de uma complexidade que não desaparece. Ela apenas muda de lugar.

A ausência, até o momento, das alíquotas definitivas de CBS e IBS adiciona uma camada adicional de incerteza. Embora exista uma referência estimada de

26,5%, a definição concreta dependerá de legislações futuras da União e dos entes subnacionais. Isso significa que empresas precisam se preparar para um sistema cujo desenho está operacionalmente definido, mas ainda incompleto em seus parâmetros finais.

Vale destacar ainda que a janela entre a publicação dos regulamentos, em 30 de abril de 2026, e o início das penalidades formais, previsto para 1º de agosto de 2026, é mais do que um período de adaptação técnica. É, na prática, um teste de prontidão organizacional. A partir desse marco, o descumprimento de obrigações acessórias poderá resultar em sanções previstas em lei. Mas, novamente, o impacto mais relevante não será necessariamente a penalidade em si, e sim a incapacidade de operar de forma fluida dentro do novo modelo.

Empresas que tratarem esse período como um intervalo burocrático correm o risco de entrar em 2027 ainda ajustando processos básicos, em um momento em que a exigência já será plena. Diante desse cenário, a tecnologia assume um papel que

vai além da automação de rotinas fiscais. Ela se torna um elemento estruturante da operação.

Sistemas capazes de integrar dados fiscais, financeiros e operacionais, validar informações em tempo real e simular cenários passam a ser essenciais não apenas para garantir conformidade, mas para sustentar decisões de negócio. A possibilidade de testar impactos tributários por produto, cadeia ou jurisdição antes da implementação definitiva do sistema representa uma mudança relevante na forma como empresas lidam com planejamento fiscal. Não se trata mais de reagir a regras já aplicadas e sim de antecipar cenários em um ambiente que exige cada vez mais previsibilidade.

Mais do que isso, a qualidade dos dados passa a ser um ativo estratégico. Em um sistema orientado à rastreabilidade, inconsistências deixam de ser toleradas como exceções operacionais e passam a ser tratadas como falhas estruturais. A Reforma Tributária, nesse contexto, funciona como um filtro silencioso de maturidade organizacional.

Empresas que conseguirem integrar tecnologia, governança e operação estarão mais preparadas para extrair eficiência desse sistema. Por outro lado, organizações que mantiverem estruturas fragmentadas e dependentes de ajustes manuais tendem a enfrentar um aumento significativo de custos operacionais e riscos de conformidade.

(*) Diretora de conteúdo tributário da Vertex.

O imposto que não aparece no cardápio — mas muda tudo na operação

Carlos Drechmer (*)

Eu tenho a impressão de que a reforma tributária de 2026 ainda está sendo lida pelo varejo de alimentos como um tema distante, quase teórico. Mas, no balcão de um bar ou na cozinha de um restaurante, ela já começou a mudar a lógica do negócio, e não é pela alíquota em si, mas pela forma como o imposto passa a existir dentro da operação.

O chamado Imposto Seletivo, criado com a promessa de desestimular o consumo de produtos associados a impactos negativos à saúde e ao meio ambiente, atinge diretamente itens que fazem parte do dia a dia do food service, como bebidas alcoólicas e bebidas açucaradas. Não é um detalhe, é parte relevante do faturamento de bares, restaurantes e casas noturnas em todo o país.

O ponto é que esse imposto não funciona como os demais. Ele é monofásico e não gera crédito tributário. Traduzindo para a prática, o custo tributário desses produtos não se dilui ao longo da cadeia. Ele se concentra e aparece com mais força na ponta.

É aí que a operação começa a mudar. Não basta mais vender, será preciso separar, classificar e tratar

cada item de forma distinta dentro do sistema fiscal. Produtos sujeitos ao Imposto Seletivo terão que ser segregados corretamente, com enquadramento preciso. Não é uma escolha operacional, é uma exigência.

Desse modo, isso cria uma nova camada de complexidade dentro de um setor que já opera com margens apertadas e alta sensibilidade a preço. A forma como cada produto é registrado passa a influenciar diretamente a precificação e, por consequência, o comportamento do consumidor.

“Isso vai impactar a precificação para o consumidor final e também as margens de lucro, já apertadas, do setor”, ponderou uma consultora tributária com quem conversei recentemente. A leitura é objetiva: não se trata apenas de pagar mais imposto, mas de reorganizar a forma como o negócio funciona.

A incerteza ainda é um fator adicional que torna esse cenário mais delicado. Embora a Lei Complementar nº 214/2025 já tenha definido quais produtos estarão sujeitos ao Imposto Seletivo, as alíquotas ainda dependem de regulamentação. Ou seja, o setor sabe o que será tributado, mas ainda não sabe quanto.

Isso cria um intervalo perigoso entre obrigação e planejamento. Sem a alíquota definida, não é possível medir com precisão o impacto financeiro. Ainda assim, as empresas já precisam se preparar, porque a estrutura operacional não se ajusta da noite para o dia.

A previsão é que o imposto entre em vigor em 2027. Pode parecer distante, mas não é. Sistemas de gestão, cadastros de produtos, classificação fiscal, integração com o financeiro, tudo isso precisa estar pronto antes. Quem deixar para ajustar depois vai operar no improviso em um ambiente que não tolera erros.

O ponto que me chama atenção é que o discurso de saúde pública e sustentabilidade, que sustenta a criação do imposto, pode produzir efeitos colaterais relevantes no ambiente econômico. Especialmente para pequenos empreendedores, que têm menos capacidade de absorver custos ou investir em adaptação tecnológica.

Não vai aparecer no cardápio, mas vai estar embutido em cada decisão, do cadastro do produto ao preço final na mesa.

(*) CEO da Acom Sistemas.



www.netjen.com.br

Para veiculação de seus Balanços, Atas, Editais e Leilões neste jornal, consulte sua agência de confiança, ou ligue para

TEL: 3043-4171

A era da orquestração: Por que a próxima vantagem competitiva não está no modelo de IA

Por anos, o debate corporativo global girou em torno de uma pergunta fascinante: o que a Inteligência Artificial (IA) é capaz de fazer?

Alessandro Buonopane (*)

Já percebemos que a tecnologia funciona e o mercado respondeu com investimentos massivos - o gasto em IA Generativa saltou de US\$ 1,7 bilhão para US\$ 37 bilhões em apenas dois anos, capturando 6% do mercado global de SaaS, segundo um relatório. O desafio atual não é mais a descoberta, mas sim a sustentação do valor a longo prazo. O verdadeiro gargalo da IA em escala deixou de ser matemático ou computacional; ele é estrutural e, muitas vezes, invisível.

Vivenciamos hoje o esgotamento do modelo tradicional de TI corporativa. Como bem aponta um estudo recente, muitas organizações tentam escalar sistemas autônomos sobre arquiteturas antigas que nunca foram desenhadas para essa dinâmica. Práticas clássicas de ITSM, PMOs tradicionais e governanças baseadas em comitês sequenciais entram em colisão direta com a velocidade da IA. O erro mais comum tem sido adotar uma abordagem AI-on-top, ou seja, simplesmente injetar ferramentas inteligentes no topo de fluxos de trabalho já existentes. Se os processos internos de uma empresa são falhos, ambíguos ou difusos, a IA não irá corrigi-los; ela irá, com precisão matemática, automatizar e amplificar o caos.

O reflexo desse descompasso estrutural é nítido nos dados operacionais. Embora 38% das companhias globais estejam testando agentes de IA, apenas 11% conseguiram, de fato, levá-los para o ambiente de produção. O mercado foi inundado por uma hiper abundância de foundation models (projeções indicam que teremos entre 103 e 306 modelos até 2028), gerando uma severa fragmentação de contexto. Sem uma infraestrutura de orquestração integrada, as empresas perdem a continuidade semântica entre seus sistemas. A IA escala isoladamente em departamentos



Klimm Tum CANVA

específicos, porém falha de forma sistêmica na organização. A IA não conecta se não houver um fluxo de dados unificado em tempo real: ela opera em silos, incapaz de compartilhar aprendizados.

Diante disso, a economia da inferência exige uma mudança profunda em nossa governança financeira e de infraestrutura. Tratar a eficiência da IA apenas como uma redução no custo unitário do token, que caiu cerca de 280 vezes em dois anos, é uma ilusão analítica. O volume de uso corporativo cresce muito mais rápido do que os custos caem, gerando faturas inesperadas de milhões de dólares. O dilema moderno da infraestrutura tecnológica deixou de ser uma disputa simplista entre cloud e on-premises. Ele reside no equilíbrio estratégico entre a elasticidade para inovação e a previsibilidade de custos, migrando para arquiteturas de edge computing onde a latência é crítica. O ROI agora é medido pelo custo de cada decisão tomada por segundo com SLA garantido.

Essa nova realidade redefine completamente o papel das lideranças e a gestão do trabalho. Entramos na era da IA Física e da automação agêntica de ponta a ponta, onde softwares se transformaram em sistemas vivos, gerados e corrigidos por algoritmos em milissegundos. De acordo com uma pesquisa, três quartos das grandes empresas com faturamento acima de US\$ 20 bilhões já utilizam IA na engenharia de software.

Empresas já demonstram essa mudança na prática, processando bilhões de quilômetros de dados operacionais por ano a partir de sensores, câmeras e dispositivos conectados, a companhia mostra que o diferencial competitivo não está apenas na sofisticação do modelo, mas na capacidade de conectar continuamente ativos, pessoas e decisões em tempo real.

Essa autonomia progressiva exige o que o mercado ainda hesita em nomear: a gestão do trabalho não humano. O tradicional indicador de “amplitude de controle” (span of control) está obsoleto. Precisamos gerenciar a “amplitude de complexidade” (span of complexity), auditando o grau de autonomia dos agentes e os riscos de negócio atrelados a eles. Entretanto, nenhuma transformação algorítmica prospera sem o fator humano, e é aqui que reside o maior sinal de alerta para os comitês executivos. Um relatório que entrevistou 2.000 executivos C-level globalmente revelou uma preocupante lacuna de confiança: a proporção de empresas que se consideram preparadas para o futuro (future-ready) caiu quatro pontos percentuais. Há um desalinhamento crônico. Enquanto os trabalhadores se mostram majoritariamente confortáveis para colaborar com a IA, apenas 45% dos líderes esperam integrar agentes aos fluxos nos próximos meses, e somente 36% das lideranças comunicam claramente como a IA criará novas

oportunidades de carreira em vez de substituições.

A aceleração tecnológica sem mecanismos de controle, cultura de transparência e responsabilidade institucional é um vetor de esgotamento. Companhias que lideram a maturidade digital já superaram as fronteiras tradicionais de seus setores e investem no desenvolvimento de AgentOps, capacitando seus gestores para atuarem como auditores de sistemas autônomos e definindo limites rígidos de intervenção humana (human-in-the-loop). Mais do que adotar novas ferramentas, essas organizações estão promovendo uma reintegração de capacidades antes dispersas entre fornecedores, plataformas e áreas de negócio, reconstruindo visibilidade e controle sobre fluxos críticos de informação. Proteger decisões críticas de serem delegadas exclusivamente aos algoritmos é um imperativo ético, legal e operacional para manter a conformidade e a integridade corporativa intactas.

Para que a IA cumpra sua promessa de produtividade no Brasil, na América Latina e no mundo, precisamos parar de perseguir obsessivamente o “último modelo lançado” e focar no desenho de novos modelos operacionais. O sucesso em escala exigirá redesenho estrutural, orquestração rigorosa e, acima de tudo, a reconstrução da confiança organizacional. Em um cenário de centenas de modelos convivendo simultaneamente dentro das empresas, a vantagem competitiva não estará em quem possui mais IA, mas em quem consegue garantir que todas elas compartilhem o mesmo contexto.

A tecnologia corre na velocidade do amanhã, mas o valor real de mercado só será capturado por organizações que souberem pavimentar esse caminho com governança, integração e profunda centralidade humana.

(*) CEO Brasil e LATAM da GFT Technologies.

Como o conceito techfin está mudando o mercado financeiro

Ticiane Amorim (*)

Com o avanço da tecnologia, muitos setores do mercado adotaram a inteligência artificial para dar mais praticidade e segurança em seus negócios, como o de finanças

Segundo dados da consultoria Gartner, cerca de 59% dos líderes financeiros globalmente já integraram IA em suas operações cotidianas, impulsionando um mercado global de inteligência artificial que projeta investimentos de US\$ 2,52 trilhões. Assim, o conceito de techfin trouxe muitas mudanças, permitindo que as empresas ofereçam os serviços financeiros voltados para outras (B2B).

Diante desse cenário, em vez de atuar como instituições bancárias ou focar no consumidor final, essas organizações fornecem a infraestrutura que permite a qualquer negócio integrar pagamentos, crédito e gestão econômica diretamente em sua operação. Dessa forma, enquanto a fintech leva a tecnologia até o banco, a techfin leva o banco até onde o cliente já trabalha ou consome. As transformações trazidas por essas ferramentas possibilitam o fornecimento de bases (APIs e sistemas) para que companhias de varejo, saúde e agronegócio ofereçam seus próprios serviços financeiros sem precisar de licenças bancárias.

Atuando de forma quase invisível para o usuário, surge um fenômeno conhecido como Embedded Finance (Finanças Embutidas): ao invés do cliente sair do sistema que usa para gerenciar sua empresa e abrir o aplicativo para pagar um fornecedor ou pedir um empréstimo, ele faz tudo dentro da mesma plataforma de tecnologia que já utiliza no dia a dia. Isso descentraliza o poder dos bancos tradicionais.

Com isso, podem oferecer também soluções customizadas, entregando ferramentas altamente especializadas para automatizar rotinas corporativas, otimizar fluxo de caixa e facilitar conciliações ao invés de produtos genéricos. Além disso, fazer o uso de decisões baseadas em dados profundos e fornecidos pelos próprios clientes corporativos facilita a criação de um crédito de forma mais ágil, segura e inteligente. Tudo isso permite que as empresas e consumidores sejam melhor atendidos e que cada caso seja tratado de forma exclusiva.

Para as empresas, o modelo techfin também inaugura novas linhas de receita, nas quais além de cobrar pela licença do software (SaaS), a empresa ganha com taxas de transações, juros de empréstimos etc. Por sua vez, o atendimento exclusivo pode levar à fidelização do público. Isso porque quanto mais serviços um usuário utiliza dentro de uma plataforma, mais difícil (e custoso) é ele migrar para um concorrente. Com relação aos clientes, especialmente empresas PMEs, por ser um software de gestão, a ferramenta sabe exatamente quanto aquele negócio fatura, gasta e vendeu no último mês. Isso permite oferecer crédito sob medida, mais barato e com menos burocracia do que um banco tradicional exigiria. Além disso, pode oferecer uma maior eficiência operacional, uma vez que utiliza menos tempo pulando de uma aba para outra e tudo é resolvido em uma única tela.

Porém, para funcionar perfeitamente, o mercado enfrenta barreiras complexas. O setor financeiro é um dos mais vigiados do mundo. As empresas precisam aprender a lidar com regras rígidas de lavagem de dinheiro, segurança cibernética e proteção de dados (como a LGPD) e operar em parceria com BaaS (Banking as a Service). Contudo, centralizar a gestão do negócio e o dinheiro no mesmo lugar exige uma segurança digital impecável. Além disso, os consumidores mais antigos possuem receio em deixar o dinheiro da empresa sob os cuidados de um “software” em vez de uma instituição com agências físicas.

Por fim, a ascensão das techfins redefine o mercado financeiro ao transformar produtos bancários em utilidades invisíveis e totalmente integradas à rotina das empresas. Ao unir a inteligência de dados operacionais à oferta de crédito e serviços diretamente onde o cliente já trabalha, esse modelo não apenas desafia o sistema bancário tradicional, mas também entrega maior eficiência. Assim, o grande diferencial competitivo já não é mais quem possui a maior instituição, mas sim quem detém a melhor jornada digital e a relação mais próxima com o dia a dia do usuário.

(*) CEO e fundadora na Aarin, a techfin do Grupo Bradesco. Comunicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, fundou a Aarin após o exit como sócia da ZigPay, a maior fintech do mundo. É reconhecida como uma das principais vozes femininas em Embedded Finance no Brasil.

Como a IA agêntica e a integração de dados reformulam a gestão hospitalar

Wagner Andrade (*)

A transformação tecnológica no setor da saúde atravessa um período de transição profunda. Mais do que a simples adoção de softwares isolados, o mercado percebe que a verdadeira revolução será estrutural, focada na maneira como as instituições organizam suas bases de dados, conectam plataformas e fundem a inteligência artificial aos seus fluxos operacionais. Esse movimento ganhou contornos nítidos durante a HIMSS Global Health Conference & Exhibition 2026, o maior fórum mundial de inovação na área, onde ficou claro que a IA está evoluindo para um modelo muito mais autônomo e intrínseco aos sistemas hospitalares.

Nos últimos anos, a saúde absorveu a primeira onda dessa tecnologia através da IA Generativa, que atuou principalmente como uma assistente cognitiva capaz de sintetizar prontuários e otimizar a documentação clínica.

Agora, surge um novo paradigma: a IA Agêntica (Agentic AI). Diferente de suas predecessoras, essa tecnologia consegue executar tarefas em fluxos de trabalho complexos, interagindo com diferentes sistemas e tomando decisões condicionais em processos administrativos ou clínicos.

Na prática, a inteligência artificial deixa de ser um acessório de consulta para se tornar uma camada funcional da infraestrut

tura hospitalar, automatizando desde agendamentos e triagens até a análise de prontuários e autorizações de procedimentos.

Essa aceleração tecnológica responde a uma pressão financeira global crescente. Atualmente, a saúde consome cerca de 10% do PIB em muitas economias avançadas, chegando a 16% nos Estados Unidos e mantendo-se na faixa de 9% a 10% no Brasil.

Três pilares sustentam essa urgência: o envelhecimento demográfico, com a população acima de 65 anos devendo dobrar até 2050; o aumento das doenças crônicas, responsáveis por 70% das mortes globais; e o fator econômico, já que os custos do setor

crescem habitualmente acima do PIB nacional.

Nesse contexto, a IA é a ferramenta chave para a eficiência, mas seu sucesso depende da qualidade dos dados. Sem informações clínicas estruturadas e interoperáveis, a inteligência não opera com segurança.

Historicamente fragmentados, os sistemas hospitalares sempre sofreram com “ilhas de informação”, mas o avanço de padrões como o FHIR tem permitido que a interoperabilidade se torne o alicerce da inteligência operacional.

O Brasil exemplifica bem esse desafio: com um investimento anual de US\$ 230 bilhões, o país

apresenta um cenário de contrastes, onde hospitais de ponta coexistem com regiões de infraestrutura limitada. Assim, a próxima fase da transformação digital não será definida por aplicativos soltos, mas pela arquitetura de sistemas que integram dados e pessoas. Os hospitais do futuro competirão pela excelência de suas plataformas digitais e pela capacidade de coordenar o cuidado com suporte de agentes de IA.

Após décadas digitalizando registros, a saúde entra em uma era onde os sistemas não apenas guardam informações, mas participam ativamente da operação do cuidado médico.

(*) CEO da dataRain.



SeventyFour_CANVA



EXPERIÊNCIAS
MAIS ENVOLVENTES

COMO TRANSFORMAR O INTERESSE DOS ALUNOS POR GAMES EM APRENDIZADO

Escolas encontram na gamificação uma oportunidade de criar experiências mais envolventes, colaborativas e conectadas às habilidades necessárias dentro e fora da sala de aula

Os games estão presentes na rotina de muitos estudantes: nas conversas, nos momentos de lazer e na forma como uma geração inteira aprende a resolver problemas, testar estratégias e lidar com desafios. Ignorar esse universo significa deixar de aproveitar uma linguagem que já faz parte da realidade dos alunos.

A discussão sobre jogos na educação, porém, vai muito além de levar entretenimento para a sala de aula. A gamificação representa uma mudança na forma de organizar experiências de aprendizagem, utilizando elementos dos jogos para estimular participação, autonomia e envolvimento com os conteúdos.

Um artigo de 2024 publicado na revista científica Educational Technology Research and Development destacou nesse sentido que estratégias baseadas em mecânicas de jogos podem contribuir para maior motivação, interação e participação dos estudantes quando aplicadas com objetivos pedagógicos claros.

A questão central está em entender quais características dos games podem fortalecer o processo educativo.

“Quando observamos como os estudantes interagem com jogos, percebemos que existe uma relação muito forte com curiosidade, tentativa, colaboração e superação de desafios. A escola pode aproveitar esses elementos para criar experiências mais significativas”, explica Bruna Tadross, fundadora da Changemaker.

Logo abaixo, o especialista reforça algumas práticas capazes de ajudar as instituições de ensino a transformar o interesse dos alunos pelo universo gamer em aprendizado.

Utilizar desafios com metas claras em formato de conteúdo

Um dos principais elementos dos jogos é a existência de objetivos bem definidos. O jogador sabe qual missão precisa cumprir, acompanha sua evolução e entende cada etapa do caminho.

Na educação, essa lógica pode ser aplicada por meio de atividades organizadas como desafios progressivos. Em vez de apresentar apenas uma tarefa final, o professor pode criar etapas, objetivos intermediários e problemas que levem o estudante a construir conhecimento.

Freepik



“A tecnologia tem valor quando cria experiências que fazem sentido para o aluno. O objetivo não é substituir métodos tradicionais, mas ampliar possibilidades de aprendizagem

“A gamificação funciona quando existe intenção pedagógica. O desafio precisa estar conectado ao desenvolvimento de habilidades, e não apenas a uma dinâmica diferente”, destaca Tadross.

Usar sistemas de progressão para estimular participação

Pontos, níveis, medalhas e conquistas fazem parte da estrutura dos jogos porque mostram evolução. Na escola, esses recursos podem ajudar os estudantes a perceberem seus avanços e valorizarem o processo de aprendizagem.

No entanto, o uso desses mecanismos precisa ser equilibrado. A ideia não é fazer do ambiente escolar uma disputa constante, mas criar formas de reconhecimento e acompanhamento.

Os sistemas de progressão podem valorizar o esforço, a colaboração, a criatividade e o desenvolvimento individual. Assim, um estudante pode perceber sua evolução ao desbloquear novos desafios ou conquistar novas habilidades.

Permitir escolhas e incentivar o protagonismo

Os jogos oferecem algo que costuma prender bastante a atenção dos jogadores: a autonomia. O aluno decide caminhos, escolhe estratégias e experimenta diferentes possibilidades para alcançar um objetivo. Esse princípio pode ser levado para a sala de aula, onde os estudantes teriam mais espaço para escolher como demonstrar o que aprenderam.

Um projeto pode permitir diferentes formatos de apresentação, temas escolhidos pelos próprios alunos ou caminhos variados para solucionar uma questão. Essa autonomia contribui para desenvolver responsabilidade e pensamento crítico, competências importantes em um mundo onde resolver problemas exige adaptação constante.

Criar narrativas que aproximem o conhecimento da realidade

Histórias sempre foram uma ferramenta poderosa para transmitir ideias. Nos games, narrativas criam contexto e fazem o jogador se envolver com uma missão. Já na educação, conteúdos podem ganhar significado quando estão inseridos em situações próximas da vida real.

Um tema histórico pode ser trabalhado a partir da perspectiva de diferentes personagens, uma atividade de empreendedorismo pode simular a criação de um negócio e um projeto interdisciplinar pode propor a solução de um desafio social. Experiências desse tipo aproximam teoria e prática, mostrando ao estudante por que aquele conhecimento importa.

A Changemaker, por exemplo, segue essa tendência ao unir tecnologia, criatividade e impacto social em uma experiência educacional gamificada. A proposta utiliza uma jornada interativa para desenvolver habilidades de colaboração, empatia, pensamento crítico e resolução de problemas em estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

“A tecnologia tem valor quando cria experiências que fazem sentido para o aluno. O objetivo não é substituir métodos tradicionais, mas ampliar possibilidades de aprendizagem”, afirma a executiva.

Estimular a colaboração por meio de jogos em equipe

Embora muitos jogos tenham desafios individuais, grande parte das experiências digitais também envolve cooperação, estratégia coletiva e troca de conhecimentos. Na escola, atividades gamificadas em grupo podem estimular comunicação, liderança e capacidade de trabalhar com diferentes perspectivas.

Quando estudantes precisam resolver um problema juntos, aprendem a dividir responsabilidades, argumentar e construir soluções coletivas. Essa dinâmica se aproxima das situações que encontrarão no futuro, em ambientes profissionais e sociais onde a colaboração será uma habilidade essencial.

A gamificação como ponte entre escola e realidade dos estudantes

Como se sabe, a educação enfrenta o desafio de dialogar com uma geração que cresceu cercada por tecnologia, interações digitais e experiências personalizadas. Nesse cenário, os games oferecem uma linguagem conhecida pelos alunos e podem ajudar a aproximar o ensino de suas vivências.

A gamificação ganha força quando deixa de ser vista como uma ferramenta isolada e passa a integrar uma estratégia pedagógica mais ampla. O valor está em usar desafios, narrativas, colaboração e autonomia para criar experiências que desenvolvam competências.

E, quando a escola compreende essa lógica, o interesse dos estudantes pelo universo gamer deixa de ser uma distração e passa a ser uma oportunidade para construir novos caminhos de aprendizagem.



SeventyFour_CANVA